

EZEQUIEL E A GLÓRIA DO SENHOR

Flávio Schmitt

O profeta Ezequiel marca a profecia bíblica em, pelo menos, três aspectos. Primeiro, é um sacerdote que se torna profeta. Seu ministério profético transcorre em território estrangeiro. Por fim, é o primeiro profeta literário que atua no exílio.

O livro de Ezequiel corresponde à pregação do profeta que viveu no tempo da destruição de Jerusalém. De família sacerdotal, Ezequiel foi deportado depois da primeira investida babilônica em Jerusalém (597 aC). Aproximadamente cinco anos mais tarde (593 aC) começa seu ministério profético na Babilônia. Mesmo residindo na distante Tel Aviv, acompanhava o desenrolar dos acontecimentos em Jerusalém com muito interesse. A atuação profética de Ezequiel, segundo dados cronológicos do próprio livro, deve ter durado pouco mais de vinte anos¹.

1. Ezequiel e seu tempo

Ezequiel começa seu livro falando de sua vocação (1,1-3). Quando se encontra entre os exilados na Babilônia, junto ao vale do rio Kebar, os céus se abrem e ele passa a contemplar visões divinas.

A presença de Ezequiel a 2.000 quilômetros de distância de Israel pode parecer estranha. Afinal, estamos acostumados a ouvir profetas desempenhando sua função profética em Jerusalém, ou ao menos no âmbito do território de Israel. Contudo, a presença deste profeta junto ao vale do rio Kebar tem sua explicação.

Pode-se dizer que Ezequiel inicia sua atividade profética em 593 aC e no reino de Judá. Depois da relativa independência conquistada por Judá na época de Josias (640-609), subitamente abreviada pela morte do rei (2Rs 23,29-30), o que restou do reino de Davi passa a ser dominado pelos egípcios e em seguida pelos babilônicos.

A vitória de Nabucodonosor na batalha de 605 aC eliminou a resistência assíria e transformou o rei babilônico no senhor de boa parte do crescente fértil.

Judá, no entanto, não aceitou lealmente a submissão à Babilônia. As consequências foram desastrosas. Depois de se sujeitar por três anos ao rei babilônico, Joaquim resolveu voltar-se contra o mesmo (2Rs 24,1). As motivações para tal procedimento apontam para as esperanças alimentadas pelo rei diante do eminente confronto entre babilônicos e egípcios. Mas o Egito a esta altura não se apresenta em condições de resistir à dominação babilônica, muito menos a prover o socorro que Judá espera.

1. Luciano Monari. *Ezequiel um sacerdote-profeta*, p. 14.

Joaquim é morto e em seu lugar assume seu filho Joaquin (2Rs 24,8). Mesmo tendo manifestado submissão ao rei babilônico, Joaquin e toda sua corte não escaparam de se tornar prisioneiros do rei (2Rs 24,12-14). Estamos no ano de 597 aC, ocasião em que o rei deporta os “notáveis” de Jerusalém para Babilônia.

Para evitar qualquer possibilidade de mobilização militar, os babilônicos tratam de deportar o rei, a corte e mais 10 mil pessoas, principalmente militares, o que provocou a *desmilitarização* de Judá². Entre os deportados está o sacerdote Ezequiel. Aos vinte e cinco anos de idade, este sacerdote partilha de um dos momentos mais marcantes na caminhada do povo de Deus.

Em lugar de Joaquin, o rei babilônico constitui Matanias, tio de Joaquin, como rei de Judá (2Rs 24,17), cujo nome foi mudado para Sedecias. Na Babilônia, porém, Joaquin continua sendo reconhecido como rei tanto pelos exilados quanto pelos babilônicos (2Rs 25,27-30). O próprio profeta Ezequiel demonstra desconhecer o reinado de Sedecias na medida em que situa sua atividade profética “*no quinto ano do exílio do rei Joaquin*” (Ez 1,2).

A presença de Sedecias em Judá não foi o suficiente para garantir a submissão à Babilônia. O profeta Jeremias (27) nos informa acerca da tentativa de formar uma espécie de liga antibabilônica, por volta de 594/3 aC. Embora não sejam tomadas medidas efetivas, Sedecias precisa se justificar junto ao rei da Babilônia (Jr 51,59). Não obstante as advertências de Jeremias, depois de alguns anos, em 588 aC, Sedecias, confiante na ajuda do Egito e de Tiro, manifesta abertamente sua rebelião contra a Babilônia.

No ano seguinte o exército babilônico já se encontra em Jerusalém. Aos poucos são tomadas as cidades e territórios de Azoto, Azeca e Laquis (fogo, espada, desolação). A presença do exército egípcio sinaliza com a esperança de retirada do invasor. Mas, ao contrário do que havia acontecido por ocasião da retirada do rei assírio Senaquerib (2Rs 19,35-36), desta vez prevalece a força do invasor que, depois de derrotar os egípcios, lança-se implacável contra Jerusalém.

Aos 18 dias de julho de 587 aC, a muralha de Jerusalém é aberta. Sedecias tenta fugir, mas é capturado pelos soldados e conduzido à presença do rei que mata seus filhos e fura os olhos do rei que é levado para o exílio (2Rs 25,6-7).

Praticamente um mês depois o rei Nabucodonosor entra em Jerusalém e incendeia o Templo, Palácio e as casas de Jerusalém (2Rs 25,9). Em seguida acontece uma segunda deportação (Jr 52,29). Com estas medidas o rei provoca a *desurbanização* de Judá.

Os textos ainda falam de uma terceira deportação (Jr 52,30). Não obstante as dúvidas desta informação do profeta Jeremias, o número de deportados nesta ocasião não deve ter ultrapassado a casa de mil pessoas³.

2. Milton Schwantes. *Sufrimento e Esperança no Exílio*, p. 27.

3. Estima-se que o total de deportados tenha chegado à casa de 15 mil pessoas, oriundas principalmente de Jerusalém, ou seja, de cidadãos da capital do Estado de Judá. Milton Schwantes. *Sufrimento e Esperança no Exílio*, p. 27.

Ezequiel acompanha seus conterrâneos no caminho para o exílio e nas adversidades enfrentadas junto à terra dos dominadores. Pelas informações disponíveis, a vida dos exilados mudou radicalmente. Da condição de elite de Jerusalém, passaram a cultivar a terra e prover seu sustento junto aos rios onde foram assentados. Neste contexto Ezequiel é despertado para ser porta-voz da palavra de Deus⁴.

2. O livro de Ezequiel

Entre os livros proféticos Ezequiel se apresenta como um dos mais ordenados e coerentes. Nesta característica o livro se assemelha ao do profeta Jeremias. No livro de Ezequiel podem ser identificadas três partes maiores: palavras contra Judá/Jerusalém (1–24), palavras de desgraça contra os povos (25–32) e palavras de graça em favor de Judá/Jerusalém (33–39; 40–48).

O livro começa com a vocação do profeta (1,1–3,15). O conjunto de textos contra Judá (1–24) recebe uma introdução específica em 3,16-17, onde a função do profeta é descrita como atalaia⁵. Este primeiro complexo contra Judá se compõe de unidades retóricas e literárias que, no geral, coincidem com a divisão dos capítulos, culminando no anúncio da morte da esposa do profeta. Ao que tudo indica, esta morte coincide com a destruição de Jerusalém.

A segunda parte contempla uma coletânea de profecias contra sete nações estrangeiras, a saber: Amon, Moab, Edom, Filisteia, Tiro, Sidônia e Egito.

Na terceira parte adquire forma o anúncio da salvação. Aqui também pode ser identificada uma série de unidades literárias menores (33,1-20; 33,21-22; 33,23-29; 33,30-33; 34; 35,1–36,15; 36,16-38; 37,1-14; 37,15-28; 38–39) que culminam na visão do novo templo dos capítulos 40–48⁶.

Nesta estrutura do livro de Ezequiel podem ser identificadas duas fases da pregação do profeta. Na primeira, a fase do anúncio da desgraça, o profeta explica o exílio como consequência do pecado de Judá e que o pior ainda está por vir. Na outra, está a proclamação da salvação, onde Ezequiel apresenta uma mensagem de esperança alicerçada na reconstrução de Javé. A passagem de uma fase para outra pode ser identificada na única narrativa autobiográfica do livro onde não há discurso de Javé, no capítulo 33,21-24. Um fugitivo confirma o cumprimento do anúncio de desgraça⁷.

Um aspecto que chama atenção no livro de Ezequiel diz respeito ao emprego da primeira pessoa no relato profético (exceções 1,3 e 24,24). Embora seja um relato em

4. Sobre as condições de vida dos exilados e remanescentes *vide* Milton Schwantes. *Sofrimento e Esperança no Exílio*, p. 28-33.

5. A figura do atalaia é retomada no capítulo 18 e volta a ser mencionada no início do anúncio da graça, no capítulo 33.

6. Frank-Lothar Hossfeld. *O livro de Ezequiel*. In: ZENGER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 438s.

7. Conforme Frank-Lothar Hossfeld, há uma série de unidades da primeira fase que se correspondem com unidades da segunda fase, que estabelecem uma correlação intencional. 1-3/33,1-20, vocação; 6/35, palavra contra as montanhas; 8-11/40-48, visão da glória; 20,5-26/36,16-23, retrospecto histórico. Cf. Frank-Lothar Hossfeld. *O livro de Ezequiel*. In: ZENGER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 437.

primeira pessoa, o profeta permanece oculto no discurso. Javé é quem fala e age até mesmo em acontecimentos onde o profeta está envolvido, característica típica de relatos de vocação e visão da literatura profética (1–3; 8–11; 40–48).

Este relato profético em primeira pessoa, via de regra, vem acompanhado de indicações cronológicas (1,1; 8,1; 20,1; 24,1; 26,1; 29,1; 31,1; 32,1; 33,21). O relato também apresenta uma linguagem determinada por fórmulas retóricas (“veio-me a palavra de Javé”) que apontam para a iniciativa e poder eficaz do Deus que fala. Já o final da unidade é determinado pelo emprego da fórmula “oráculo do Senhor Javé”, bem como a fórmula de asseveração da palavra (“pois eu falei”, “eu Javé, falei”).

Há vários indícios no livro do profeta que apontam para a origem exílica, como o desenrolar da atividade profética em dois pontos geográficos distintos, junto ao vale do rio Cobar e Jerusalém, para onde é ocasionalmente arrebatado; os dados biográficos que apontam para o ano de 597 aC como data do início (1,2), da virada (33,21) e da última proclamação (40,1); o próprio endereçamento da mensagem que contempla a *golá*, os deportados. Por último, a menção à própria realidade do profeta no exílio (11,16s) e a ausência de uma diferenciação maior dos grupos sociais como acontece em outros livros proféticos. Ezequiel praticamente se limita a interpelar os anciãos de Judá (8,1) e Israel (14,1), reis (19,17), profetas e profetisas (13) e pastores de Israel (34)⁸.

3. Aspectos da interpretação de Ezequiel

O livro de Ezequiel tem causado certa repercussão sobretudo por conta das visões. A própria Escritura já chama atenção para este aspecto (1Cr 28,18; Sir 49,8). Estas visões foram alvo de certas restrições por parte da tradição judaica⁹. As contradições com a Torá, as especulações dos capítulos 1 e 10, o aproveitamento tendencioso da visão do capítulo 37, o possível sentido ofensivo da leitura do capítulo 16 e mesmo a possibilidade de as acusações contra Israel serem aproveitadas no sentido antijudaico, fazem parte de um repertório de dificuldades na interpretação. Ainda assim o livro de Ezequiel tem também seus defensores, tornando-se fundamental para o misticismo da *Merkaba* (Ez 1), para as questões ligadas à pureza e santidade, bem como nos assuntos pertinentes ao Templo.

Na tradição cristã também pode ser verificado certo fascínio pelas visões, a ponto da tradição patrística estabelecer uma analogia entre os quatro seres viventes (1,5-12; 10,14) e os quatro símbolos dos evangelhos. Ainda assim, a tradição cristã tem dificuldades com a descrição de Deus (1; 10), por causa da doutrina das duas naturezas da pessoa de Cristo. O emprego de metáforas sexuais (16; 23) na linguagem do profeta só não é mais questionado por causa da imagem da mulher que se tornou alvo de atenção na exegese feminista. A presença de vestígios apocalípticos em passagens do Novo Testamento (Mc 13; 2Ts 2; Ap 20,2) também apontam para Ezequiel 38 e suas dificuldades de interpretação¹⁰.

8. Idem, p. 434.

9. Milton Schwantes. *Sofrimento e Esperança no Exílio*, p. 202.

10. Frank-Lothar Hossfeld. *O livro de Ezequiel*. In: ZENGER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 448s.

Na atualidade o livro tem recobrado renovado interesse por conta das especulações acerca de possíveis alusões do profeta a efeitos e fenômenos relacionados com objetos voadores não identificados. Ufólogos fazem uma leitura peculiar do profeta. Também os psicólogos têm se debruçado sobre as páginas do livro de Ezequiel, especialmente os capítulos 3–24 onde identificam a presença da personalidade de um enfermo¹¹.

4. A Glória de Javé em Ezequiel

Ezequiel é o profeta que situa sua vocação no marco de uma visão da glória de Deus, constituindo o profeta em testemunha da história divina¹².

A visão que Ezequiel teve da glória de Deus aparece repetida três vezes. A primeira está presente no relato da vocação (1–3). Na segunda (8–11) Ezequiel se vê transportado de volta para Jerusalém. Torna-se assim testemunha de que Javé abandonou o Templo e a cidade. Na terceira visão é descrito o que o profeta enxerga do novo Templo de Jerusalém. Na visão do Templo restaurado Ezequiel também vê o retorno da glória de Javé ao Templo (43,3-5) que toma morada no meio do povo.

Nestas visões Ezequiel não apenas responde à pergunta como o Templo pôde ser destruído, mas oferece uma nova maneira de entender a transcendência de Deus. Na visão o profeta comunica a consciência de que a glória de Javé não está ligada a um lugar particular como o Templo, Jerusalém ou Judá. O governo e o poder de Deus se estendem por todo universo.

a) Primeira visão (1–3)

O esquema dos primeiros três capítulos é claro: aparição da glória de Deus (1) e missão do profeta, com ação simbólica (2–3).

Aparentemente a visão da glória de Javé está a serviço da missão do profeta. O núcleo da visão parece consistir no seguinte: quatro viventes sustentam uma calota de cristal transparente (símbolo do firmamento) sobre a qual se encontra um trono como pedra de safira (azul) e no trono está sentada uma figura de aparência humana, resplandecente como o electro (mistura de ouro e prata). Entre os viventes brilha o fogo que ilumina a parte inferior do trono. Tudo é cercado por algo parecido com um arco-íris. Era algo semelhante à glória de Deus (1,28).

11. J.M. Abegro de Lacy. *Os Livros Proféticos*, p. 200.

12. O vocábulo “Shekiná” não aparece na Bíblia, é uma transliteração da raiz hebraica “shkn” = habitar. Este termo “shkn” é muito usado no TARGUM e pelos RABINOS. Diz respeito à glória visível de Deus habitando no meio do seu povo. Este vocábulo é empregado para designar a presença radiante de Deus, como vista na coluna de fogo, no Monte Sinai, no Propiciatório entre os querubins, no Tabernáculo, no Templo. Embora a palavra “Shekiná” não apareça na Bíblia, há alusões à glória de Deus (“Shekiná”) em diversas passagens. O termo é posterior à Bíblia, mas o conceito está no ensinamento de que Deus habita no meio do seu povo (Ex 29,45s). A glória de Deus é vista em fenômenos como relâmpagos e nuvens no Monte Sinai (Ex 19,16) e a nuvem brilhante que descia sobre a tenda da congregação e guiou Israel pelo deserto (Ex 40,34-38). A Shekiná conduziu Israel através do deserto (Ex 40,36-38); e, embora a perda da arca importasse em “Icabod [nenhuma glória]” (1Sm 4,21), a nuvem voltou a encher o Templo de Salomão (1Rs 8,11; cf. 2Cr 7,1).

“Como o aspecto do arco que aparece na nuvem no dia da chuva, assim era o aspecto do resplendor em redor. Este era o aspecto da semelhança da glória do Senhor; e, vendo isso, caí sobre o meu rosto e ouvi a voz de quem falava” (Ez 1,28).

O que Ezequiel percebe simbolicamente é um mundo sob a soberania de Deus. O profeta vê que Deus tem relação com o mundo, tem o domínio sobre ele e determina os acontecimentos¹³.

b) Segunda visão (8–11)

O ponto culminante da primeira parte da atividade profética de Ezequiel reside na visão que ele tem da destruição de Jerusalém e do Templo. Arrebatado pela mão do Senhor (8,1.3), embora permanecendo na Babilônia, o profeta é levado a Jerusalém e vê.

A estrutura destes capítulos apresenta a seguinte configuração: os pecados de Jerusalém, por extensão os motivos da punição (8); o castigo (9) e a destruição da cidade pelo fogo (10). No capítulo 10,18-22 Javé abandona o Templo, antes de começar o incêndio.

Depois de exterminados os habitantes, agora chega a vez da cidade e do Templo serem consumidos pelo fogo. Antes de o fogo começar, a glória de Javé deixa o Templo. A descrição é a seguinte: o trono está à direita do santuário (v. 3). A glória de Deus se move do santo dos santos para o limiar do Templo, enquanto uma nuvem cobre o Templo e o átrio se enche do brilho da glória de Deus (v. 4).

“Então, saiu a glória do Senhor da entrada da casa e parou sobre os querubins. Os querubins levantaram as suas asas e se elevaram da terra à minha vista, quando saíram acompanhados pelas rodas; pararam à entrada da porta oriental da Casa do Senhor, e a glória do Deus de Israel estava no alto, sobre eles. São estes os seres viventes que vi debaixo do Deus de Israel, junto ao rio Quebar, e fiquei sabendo que eram querubins. Cada um tinha quatro rostos e quatro asas e a semelhança de mãos de homem debaixo das asas. A aparência dos seus rostos era como a dos rostos que eu vira junto ao rio Quebar; tinham o mesmo aspecto, eram os mesmos seres. Cada qual andava para a sua frente” (Ez 10,18-22).

A ideia que o profeta procura passar com suas visões é a de que a cidade que Deus havia escolhido para ser sua morada e onde habitou por séculos, trazendo santidade com a presença da glória de Javé, agora está abandonada, entregue a sua própria sorte, sem a proteção de Javé da qual havia desfrutado e por causa da qual deixou de ser destruída inúmeras vezes. Agora tudo está pronto para a destruição.

13. Luciano Monari. *Ezequiel um sacerdote-profeta*, p. 26.

c) Terceira visão 43,3-5

A descrição da visão do novo Templo em toda sua grandeza e dimensões (40–42), o retorno da glória de Deus (43), a organização do culto (44), a delimitação do território sagrado (45–48) e o nome dado à cidade (48,35) constituem partes importantes do conjunto de textos que incluem os capítulos 40–48.

“O aspecto da visão que tive era como o da visão que eu tivera, quando vim destruir a cidade; e eram as visões como a que tive junto ao rio Cobar; e me prostrei, rosto em terra. A glória do Senhor entrou no templo pela porta que olha para o oriente. O Espírito me levantou e me levou ao átrio interior; e eis que a glória do Senhor enchia o templo” (Ez 43,3-5).

Nesta última visão da glória de Deus, o profeta vê realizar-se todo escopo da história bíblica da salvação já conhecida na libertação do Egito (Ex 29,45-46). Conforme esta versão sacerdotal, a libertação do Egito está orientada para a habitação de Deus em meio ao seu povo.

Ezequiel vê um templo semelhante em estrutura ao antigo templo salomônico (40,2). Assim como o profeta havia descrito a saída da glória do Senhor do Templo, agora descreve a entrada. A glória que havia partido pela porta leste do Templo, seguindo pelo Monte das Oliveiras em direção ao oriente, agora faz o caminho contrário. Ao fazer o caminho inverso, retornando do oriente para o Templo, a visão passa a concentrar toda esperança e alegria de Israel.

A glória havia deixado o Templo por causa das abominações do povo. Agora Deus volta a habitar em meio ao seu povo. Teria este povo se convertido? O que o profeta persegue é a meta da história de Deus com seu povo: habitar em seu meio (Ap 21,3).

Conclusão

Confrontado com a sofrida condição de exilado e os desafios diante dos quais se encontra, o então sacerdote, agora profeta Ezequiel, recorre à compreensão e papel desempenhado pela “glória de Javé” na história de seu povo, para explicar e entender os acontecimentos nos quais ele e sua gente estão envolvidos. Mais do que um simples recurso de retórica, as visões de glória de Javé comunicadas pelo profeta permitem compreender aspectos fundamentais da presença do povo de Deus no exílio.

Com a primeira visão, Ezequiel cria os elementos interpretativos necessários para compreender a destruição do Templo. Ora, o Templo só pôde ser destruído porque a glória de Javé havia se retirado do mesmo.

Ao mesmo tempo em que explica a destruição do Templo e por extensão da cidade, nosso profeta lança as raízes que irão fundamentar a presença de israelitas no exílio. Com a visão do deslocamento da glória de Javé para o Oriente, Ezequiel cria a fundamentação teológica necessária para que mesmo no estrangeiro os israelitas possam

se sentir amparados pelo mesmo Deus que acompanhou seu povo no passado¹⁴. Por analogia, assim como a glória esteve à frente do povo na caminhada rumo à terra prometida, assim agora é a glória que acompanha o povo na terra distante.

Contudo, a glória não está de todo afastada do lugar onde sempre esteve. Ao descrever a visão do retorno da glória para o Templo, Ezequiel revalida a presença de Javé em Jerusalém. Agora a glória de Javé abarca toda a terra. O aspecto universal passa a falar mais alto. A glória não está mais confinada ao santo dos santos, nem ao Templo, mas se espalha pela superfície da terra alcançando a todos os dispersos.

Todos, tanto remanescentes como exilados, podem ter acesso à glória de Deus. A purificação operada por Javé estabelece novas condições de acesso à glória. Se antes o povo desobedeceu a Deus, agora é chamado à obediência, à observância das leis que no passado foram violadas ou simplesmente ignoradas. A presença da glória de Javé autentica este novo momento na caminhada do povo de Deus. Quando Javé faz morada em meio a seu povo, a glória se manifesta.

Bibliografia

CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996.

DE LACY, J.M. Abegro. *Os Livros Proféticos*. São Paulo: Ave Maria, 1998.

MONARI, Luciano. *Ezequiel um sacerdote-profeta*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e Esperança no Exílio*. São Paulo: Paulinas, 2007 (Teologia Bíblica 3).

ZENGER, Erich et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

Flávio Schmitt
Rua 15 de Novembro, 788
85960-000 Marechal Cândido Rondon, PR
schmittflavio@bol.com.br

14. A Shekiná apareceu pela primeira vez quando Deus conduziu Israel para fora do Egito e o protegeu por meio de “uma coluna de nuvem e de fogo” (Ex 13,21; 14,19). A nuvem defendeu Moisés contra os “murmuradores” (Ex 16,10; Nm 16,42) e cobriu o Sinai (Ex 24,16) enquanto ele se comunicava ali com Deus (v. 18; cf. 33,9). Deus “habitava (shakan, 25,8) no meio de Israel no tabernáculo (miskan, “lugar de habitação”, v. 9; cf. 1 Rs 8,13), que tipificava a sua morada no céu (1Rs 8,30; Hb 9,24). A nuvem encheu o tabernáculo (Ex 40,34-35; cf. Rm 9,4); e o uso pós-bíblico, portanto, designou essa manifestação permanente e visível como “Shekiná”, “habitação” [da presença de Deus]”. Pouco depois, em duas ocasiões, “saiu fogo (consumidor) de diante do SENHOR” (Lv 9,23; 10,2). Especificamente, Deus apareceu “na nuvem sobre o propiciatório que está sobre a arca” (Lv 16,2; Ex 25,22; cf. Hb 9,5).